

revista  
brasileira  
de estudos  
em  
dança

# Jongo e saúde mental:

A fala como expressão cultural sem  
fronteiras raciais

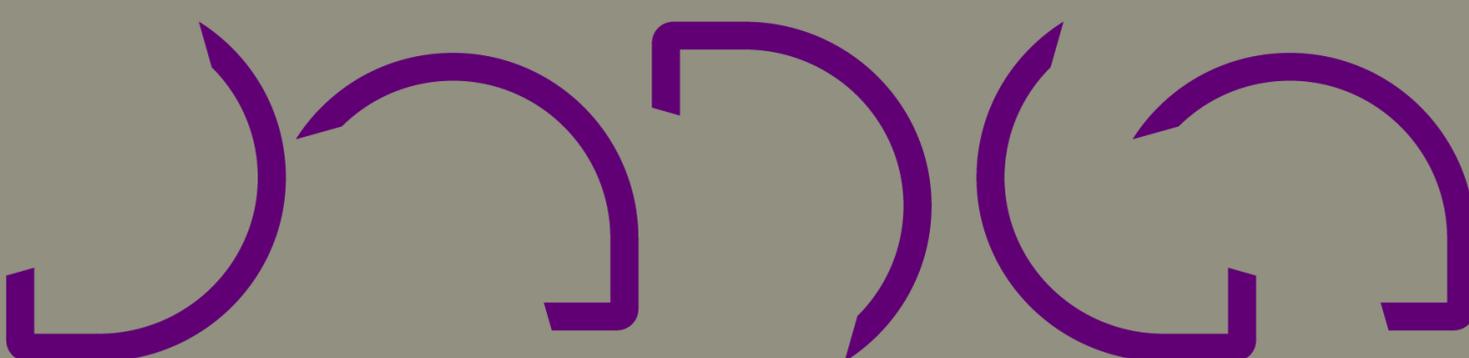
*Jongo and mental health: Speech as a cultural expression  
without racial boundaries*

Andrea da Silva Mazariolli (USP)

Fraulein Vidigal de Paula (USP)

João Francisco Mazariolli (USP)

MAZARIOLLI, Andrea da Silva; PAULA, Fraulein Vidigal de; MAZARIOLLI, João Francisco. Jongo e saúde mental: fala como expressão cultural sem fronteiras raciais. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, vol 02, n. 04, p. 45-64, 2023.



## RESUMO

A ideia da escrita desse artigo surgiu a partir da disciplina PSC6064-1 Saúde Mental e Racismo: Práticas Interventivas no Âmbito da Psicologia e da Psicanálise, ministrada em nove universidades simultaneamente na modalidade *on-line* promovida pela ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es), com aulas semanais, síncronas, em um projeto coletivo de formação de redes nessa temática. Durante as aulas foram apresentados alguns assuntos e o que mais nos interessou foi o tema que possibilitou abrir um espaço para estudantes negros nas universidades, abrangendo ao mesmo tempo acolhimento, socialização, cultura, criatividade, bem-estar e saúde mental: O Jongo. Trata-se de uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva com muito ritmo e alegria em seus versos e movimentos. É praticado nas periferias urbanas e em algumas comunidades rurais do sudeste brasileiro. A partir dessa dança coletiva promoveremos uma reflexão à luz da teoria da psicanálise sobre os benefícios da expressão corporal e do canto, num espaço de catártico de falas, trajetórias culturais e vivências do cotidiano que poderão contribuir com a transmissão cultural em um espaço de trocas entre saberes do conhecimento imaterial.

**PALAVRAS-CHAVE** Jongo; Expressão Cultural; Práticas corporais; Psicanálise.

## *ABSTRACT*

The idea of writing this article arose from the discipline PSC6064-1 Mental Health and Racism: Interventional Practices in the Scope of Psychology and Psychoanalysis, taught in nine universities simultaneously in the online modality promoted by ANPSINEP - National Articulation of Black Psychologists and Researchers, with weekly, synchronous classes, in a collective project to form networks on this theme. During the classes, some subjects were presented and what interested us the most was the theme that made it possible to open a space for black students in universities, covering at the same time welcoming, socialization, culture, creativity, well-being and mental health: Jongo. It is a form of Afro-Brazilian expression that integrates drum percussion, collective dance with a lot of rhythm and joy in its verses and movements. It is practiced in the urban peripheries and in some rural communities of southeastern Brazil. From this collective dance, we will promote a reflection in the light of the theory of psychoanalysis on the benefits of body expression and singing, in a cathartic space of speeches, cultural trajectories and daily experiences that can contribute to cultural transmission in a space of exchange between knowledge of immaterial knowledge.

**KEYWORDS** Jongo; Cultural Expression; Body practices; Psychoanalysis.

# Jongo e saúde mental: A fala como expressão cultural sem fronteiras raciais

Andrea da Silva Mazariolli<sup>1</sup>

Fraulein Vidigal de Paula<sup>2</sup>

João Francisco Mazariolli<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). É Mestre em Psicologia pela Universidade São Francisco e Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista. Possui curso de extensão universitária em Medicina do Sono (2016) pelo Instituto do Sono e atualmente faz especialização em Psicopedagogia e Neurociências pela Universidade Paulista. Credenciada pela Polícia Federal para avaliação psicológica, realiza orientações na área de saúde, prevenção do estresse, ansiedade, fadiga, distúrbios do sono e síndrome de burnout. Atualmente é professora de psicologia na Universidade Paulista UNIP. <https://orcid.org/0000-0003-1126-7221>.

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Doutorado com titulação também pela École Doctorale Humanites et Sciences de l'Homme, da Université de Rennes 2 (França) (2007). Docente no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo desde 2009. <https://orcid.org/0000-0001-5767-9745>.

<sup>3</sup> Graduado em psicologia (1983), especialista em recursos humanos na gestão de negócios pela Universidade São Judas Tadeu (2001), mestre em educação pela Faculdade de Educação - UNICAMP (2019) e doutorando pela Universidade de São Paulo (USP) na linha Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (2024). <https://orcid.org/0000-0002-1876-6552>.

## Introdução

### 1.1. O Jongo: Grupo de Jongo Mistura da Raça

Documento denominado Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, desenvolvido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular nos trás algumas informações importantes para o entendimento dos grupos de Jongo, em particular o que utilizamos em nosso trabalho de campo, ou seja, o Grupo de Jongo Mistura da Raça, que reproduzimos a seguir:

Em novembro de 2005, o jongo foi proclamado patrimônio cultural brasileiro pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e registrado no Livro das Formas de Expressão. As formas de expressão denominadas caxambu, jongo, tambor e tambu são encontradas em diversos locais na região Sudeste do Brasil, mais especificamente no vale do rio Paraíba do Sul e no litoral fluminense e capixaba. Por suas semelhanças quanto à forma e ao significado são tratadas em conjunto no Livro de Registro do Patrimônio Cultural Brasileiro. A palavra jongo é aqui usada como termo genérico que abrange angona ou angoma, caxambu, tambor e tambu, salvo quando é necessário apontar as acepções mais restritas de cada uma das denominações (O jongo e a institucionalização) este registro teve como base a pesquisa para o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, desenvolvido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP/Iphan. (IPHAN, 2015, p 13).

O Grupo de Jongo Mistura da Raça, localizado no interior do Estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba, na cidade de São José dos Campos é reconhecido como ponto da cultura Jongo da região. Teve suas origens e raízes na cidade de Barra do Piraí -RJ em que o eterno Mestre Dorvalino ensinou ao filho, hoje o Mestre Laudení, toda a cultura e conhecimento imaterial do Jongo, assim como a Dona Adélia Cunha que é atualmente a matriarca do grupo, que com suas histórias, sabedorias e vivências preservam a tradição dos antigos Jongueiros do bairro Areal e Boca do Mato, em Barra do Piraí, onde nasceram e moraram.

A família do Mestre Laudení chegou em São José dos Campos no ano de 2001 e aqui tiveram informações, por meio do Museu do Folclore, de que havia pessoas com o conhecimento do Jongo na cidade, porém cuja prática estava adormecida há mais de sessenta anos, não havendo essa manifestação cultural na cidade, possivelmente devido ao preconceito e falta de informações que geraram perseguições e hostilizações inviabilizando o estímulo para sua prática.

O Grupo de Jongo Mistura da Raça de São José dos Campos completou vinte anos no dia 26 de julho de 2022, data também em que se comemorou o dia da Nossa Senhora Santana. O Ponto de Cultura Jongo Mistura da Raça foi criado em dezembro de 2018, sendo abençoado por São Benedito, santo de devoção do Mestre Laudení. O grupo é composto por aproximadamente vinte e cinco pessoas itinerantes, sendo sete familiares do Mestre Laudení que participam ativamente de todas as atividades e apresentações. Ele é composto pela matriarca Dona Adélia Cunha, a esposa do Mestre Laudení, Márcia, suas filhas Luciana e Adriana, seu filho João Vitor e seus os netos Melissa e Pedro Akin. A possibilidade da participação de pessoas de todas as idades promove um espaço democrático em que várias gerações, crianças, jovens e idosos podem, cada um com os seus saberes, contribuir para o fortalecimento da cultura do Jongo, pois conforme relata o Mestre Laudeli<sup>4</sup>, “antigamente as crianças não podiam participar o que contribuiu para a perda da tradição”. Para ele, “onde não tem criança não tem futuro”, por isso o Grupo, hoje, estimula a participação das crianças nas atividades jongueiras com o objetivo de propagar esse patrimônio cultural entre os mais jovens.

O fortalecimento do grupo foi um processo lento, porém constante. Com muita dedicação e resiliência a família se uniu para preservar o conhecimento imaterial e cultural de um povo, e atualmente é considerada uma das principais comunidades jongueiras da região do sudeste. No local são oferecidas a comunidade, do bairro e adjacências, oficinas de *Ballet* nas modalidades (*baby* e *juvenil*), danças para mulheres, aulas de áudio visual para crianças a partir dos dez anos até o final da adolescência, aulas de capoeira, aulas de inglês, e eventos culturais que recebem visitas de grupos culturais para apresentações de samba, maracatu e moçambique, além de outras manifestações culturais visando o fortalecimento de políticas que favoreçam a igualdade racial e a diversidade, demonstrando a potência da tradição na formação sociocultural.

Além das oficinas, o Grupo também promove encontros no formato de roda de conversa para comporem novos pontos,

---

<sup>4</sup> Informações coletadas durante a entrevista de campo em São José dos Campos/SP no Grupo Mistura da Raça acerca da permissão da participação de jovens nas rodas de Jongo.

compartilhando informações, compondo e jongando com o núcleo de jovens e idosos, promovendo reflexões sobre experiências, vivências de utilidade pública em que, durante o jongo, são recitados temas para orientar a sociedade. Um exemplo foi o período de pandemia em que eles tiveram que adaptar as atividades para a modalidade *on-line*, aprender a usar os recursos tecnológicos e a superar as dificuldades preservando a saúde mental, pois promoviam encontros em que muitas vezes eram citados nos versos dos pontos o sofrimento e consequências dessa doença no mundo. Esses eventos possibilitavam uma espécie de “catarse” grupal, dentro de um recorte psicanalítico, além de acolher e aglutinar seus integrantes.

O grupo também realiza atividades culturais presenciais somente com o Mestre Laudení<sup>5</sup>, com a família Jongueira ou com o grupo completo para divulgarem a cultura do Jongo. Nesses momentos é possível desmembrar as diversas linguagens presentes no Jongo como cantos, dança, toques dos tambores, sendo o candongueiro um ritmo com batida contínua e o caxambú que remete ao floreio da roda, que representa a beleza da percussão, e um instrumento que é uma espécie de bastão de madeira, com o nome de mucoco, que percursiona o caxambú com o mesmo ritmo da batida do candongueiro, além dos figurinos, em que são percebidos os movimentos corporais e ritmos do Jongo. Abaixo estão as imagens dos instrumentos:



Imagem 1. Da esquerda para direita: Tambor Candongueiro e Tambor Caxambú. Fontes: Autores.

---

<sup>5</sup> Informações coletadas durante a entrevista de campo em São José dos Campos/SP no Grupo Mistura da Raça referente os formatos das apresentações.



Imagem 2. Da esquerda para direita: Bastão de madeira Mucoco e Tambores Caxambú e Candongueiro industrializados. Fontes: Autores.

Atualmente o Grupo participa do Jongo Sudeste e coletivo Jongo Paulista, preservando uma extensa rede de comunicação com as comunidades Jongueiras parceiras, com reconhecimento do IPHAN-SP, Pontão do Jongo Caxambú, Ponto de Cultura Bola de Meia, Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Museu do Folclore – CECP, Secretaria Estadual de Educação no Programa Escola da Família e Instituto Ecocultura de Educação Patrimonial. Na próxima sessão exploraremos a importância da fala nos pontos no Jongo.

## 1.2 A fala e escuta nos pontos no Jongo

Promover uma reflexão sobre o poder da fala como cura torna-se um desafio no contexto acadêmico e neste artigo é sugerida uma discussão a partir da dança coletiva à luz da teoria da Psicanálise sobre os benefícios da expressão corporal e canto, num espaço de falas, trajetórias culturais e vivências do cotidiano que poderá proporcionar a transmissão cultural num espaço de trocas entre saberes do conhecimento imaterial.

Em seus cantos são recitados os pontos que possibilitam a criatividade, o improviso e principalmente a “catarse” e a ressignificação. Os problemas são coletivamente identificados, compreendidos e

relativizados em contexto, fortalecendo potenciais de mediação para a saúde mental, pois num espaço de falas, múltiplas vozes e conversas, sem fronteiras raciais, credo e idades podem expressar a cultura, ansiedades, sofrimentos e angústias da contemporaneidade.

Antigamente conforme revela Mestre Laudení<sup>6</sup>, os cantos, conhecidos também como pontos, eram para contar histórias, por meio de metáforas. Os negros na época da escravidão promoviam momentos na senzala em que contavam como havia sido o dia, combinavam fugas, expressavam os sofrimentos e a exploração em que viviam, e quem estava do lado de fora, não conseguia entender o que eles comunicavam. Segundo a esposa do Mestre Laudeli, a Márcia<sup>7</sup>, os pontos podem ser subdivididos em Abertura, Alegria, Louvação, Pontos de Demanda, Desafios, Pontos de Improviso e Encerramento.

A abertura do Jongo se inicia com o mestre cantando um ponto; em seguida o mais velho puxa a roda reverenciando o tambor para iniciar a dança, a partir desse momento começam os toques dos tambores, o canto e dança que é executada por um casal que evolui em sentido anti-horário no meio da roda. Em volta ficam os participantes, embalados num clima de entrega e ancestralidade. O Mestre segue cantando pontos e os participantes respondem cantando e, neste momento, revelam em seus versos situações cotidianas e contemporâneas, mas não calam as suas vozes para o que o povo escravizado viveu, pelo contrário, reafirmam sua história cultural rica em forma de cantos e metáforas. Em um gingado de respeito e humildade há o cumprimento de ombro que permite a dama ou cavalheiro revezar com quem está no centro da roda dançando.

No momento de alegria, eles começam a cantar: “Ai com tanto pau no mato, a embaúba é coroné, a embaúba é coroné, e embaúda é coroné”, que se refere a madeira embaúba que é oca por dentro e sem conteúdo, e na época dos escravizados demonstrava que quem os vigiava não valia nada, eram como a embaúba oca e sem conteúdo. E na contemporaneidade podemos refletir sobre situações econômicas que envolvem poder, guerra, desigualdade social e racismo. Outro ponto: “Gambá passou na cinza e deixou rastro no cipó, gambá passou na cinza

---

<sup>6</sup> Informações coletadas durante a entrevista de campo em São José dos Campos/SP no Grupo Mistura da Raça detalhando as formas de expressão.

<sup>7</sup> Informações coletadas durante a entrevista de campo em São José dos Campos/SP no Grupo Mistura da Raça junto a esposa do Mestre detalhando as etapas do jongo.

e deixou rastro no cipó”, ou seja, tudo que fazemos fica registrado, deixamos rastros, nada passa despercebido. Há também o ponto: “Eu tenho um gato que come carne e lambe unha também tem um cachorro que é delegado e testemunha”, revela em seus versos fenômenos da exploração e corrupção.

Em outro mais contemporâneo, revela o cuidado com as crianças e estudos: “Ohhh criançada trata de estudar para mais tarde no futuro, sufoco, não passar! Ohhh criançada trata de estudar para mais tarde no futuro, sufoco, não passar!” Podemos perceber que nesse ponto a mensagem para as crianças está evidente: a de que os estudos serão alicerce para o futuro e esses conhecimentos adquiridos gerarão oportunidades.

Um dos momentos muito especiais do Jongo é a Louvação, em que se canta para os santos e entidades de devoção, em especial no Grupo de Jongo Mistura da Raça, ao santo de devoção do Mestre Laudení, São Benedito. Neste momento louvam e agradecem em seus pontos ao som dos tambores e mucoco ao santo dos pobres, negros e humildes. Um exemplo: “Benedito santo, santo da alegria, hoje é a sua festa, hoje é o nosso dia! Benedito santo, santo da alegria, hoje é a sua festa, hoje é o nosso dia! Benedito santo, santo da alegria, hoje é a sua festa, hoje é o nosso dia!”

Nos pontos de demanda, a proposta é a de um jongueiro provocar o outro por meio de versos. No passado resolviam as desavenças na roda de Jongo, cantavam até decifrarem e desamarrarem a roda, para poderem prosseguir, sempre por meio de metáforas em que a sensibilidade da interpretação estivesse presente, um exemplo: “Tá comendo chifre de boi e está pensando que é Aipim”, retratando uma situação em que muitas vezes estamos enganados referente a determinados assuntos.

O momento do Desafio, conforme diz Mestre Laudení<sup>8</sup>, atualmente está bem mais brando, pois antigamente era para quebrar (derrubar) e aconteciam fenômenos inexplicáveis em torno do local onde estava havendo o Jongo, como não ter sinal do sistema de posicionamento global - GPS para guiar as pessoas. Sendo assim,

---

<sup>8</sup> Informações coletadas durante a entrevista de campo em São José dos Campos/SP no Grupo Mistura da Raça sobre fenômenos inexplicáveis que aconteciam antigamente durante a etapa do desafio.

guiavam-se pelo som das batidas dos tambores e fogueira ao meio da escuridão, e aqueles que não tinham boas intenções, eram desviados e guiados por um som que os deixavam perdidos, chegando no local somente após o término do Jongo. Outro fato curioso relatado pelo Mestre Laudení, é o de que antigamente os jongueiros plantavam uma bananeira no início da noite e no final do Jongo colhiam as bananas produzidas.

Os Pontos de Improviso são momentos em que o Mestre utiliza muito a sua capacidade de observação e empatia, momentos em que deixa fluir a criatividade, pois, são observadas situações em torno da roda que são cantadas, um exemplo: “Quimboto deixa eu moer fubá! Quimboto deixa eu moer fubá!” Remete aos curiosos e pessoas que atrapalham o Jongo, que se aproximam da roda sem ao menos saberem o que está acontecendo, são os invasores da roda, entram sem serem convidados e sem os rituais estabelecidos. A palavra “machado” funciona como um marcador para troca do ponto, como um momento de pausa, e todos entendem que os tambores, dança e pontos devem ser suspensos.

E por fim, há os Pontos de Encerramento, pois assim como a roda foi aberta precisa ser fechada, e cantam: “Lá vai a garça voando e deixando a pena cair! Lá vai a garça voando e deixando a pena cair!”, ou seja, a garça voa, mas deixa saudades e um legado cultural, além do movimento espetacular que representa o respeito, sabedoria e os conhecimentos. Sempre o mais velho da roda conduz a saída dos integrantes numa fila, o mais velho caminha na frente e os outros integrantes seguem atrás, fazem as reverências aos tambores e se despedem com gratidão. Podemos observar que o Jongo tem um ritual de início, meio e fim, em que as falas, traduzidas em pontos marcam com vários significados a tradição e cultura jongueira. Também há muitos símbolos em seu desenvolvimento que os conectam com a ancestralidade, pois são os mesmos instrumentos utilizados há séculos pelos praticantes do Jongo. Na próxima sessão promoveremos uma reflexão a partir dessa dança coletiva a luz da teoria da psicanálise sobre os benefícios da expressão corporal e canto, num espaço de falas, trajetórias culturais e vivências do cotidiano que poderá proporcionar a transmissão cultural num espaço de contexto universitário de trocas entre saberes do conhecimento imaterial e preservação da cultura jongueira.

### 1.3 A teoria da Psicanálise, saúde mental e o poder da fala.

A teoria da Psicanálise é multifacetada. Para compreensão do fenômeno humano é preciso conhecer sua história, envolvendo ao mesmo tempo a sua individualidade, diversidade e sua expressão no coletivo. Nossa intenção, longe de esgotar o tema, é sugerir que, por meio da teoria construída por Freud (1919), particularmente o conceito da “cura pela conversa” ou “cura pela fala” *talking cure*, e sua expressão no Jongo, podem se constituir em uma ferramenta que proporcione o fenômeno da catarse e assim contribuir para a saúde mental de seus praticantes. O contexto contemporâneo de globalização e seus desdobramentos nas mudanças sociais, políticas, tecnológicas e de saúde pública interferem no cotidiano e na saúde mental das pessoas, e a exigência para a adaptação rápida a esses fenômenos muitas vezes contribui para o adoecimento físico e mental. Vivemos na atualidade, este fenômeno ambivalente também em termos coletivos, “há um esquema global que avança sem fronteiras, mas este processo, ao desconsiderar os valores locais e as peculiaridades de cada civilização, impõem tecnologias e imprimem incertezas, ampliando a complexidade que caracteriza a pós-modernidade” (MORIN, 2012).

#### 1.3.1 – Saúde mental e ambiente universitário

O ambiente universitário também é afetado por essas mudanças, conforme pesquisa realizada sobre perfil socioeconômico dos estudantes de universidades Sahão e Kienen (2021) em um estudo de revisão sistemática da literatura, 58,36% do total de estudantes pesquisados indicaram sofrer de ansiedade; 44,72% relataram desânimo/falta de vontade de fazer as coisas; 32,57% têm insônia ou apresentam alterações significativas de sono; 22,55% relataram sentir desamparo/desespero/desesperança e 21,29% sentimentos de solidão. Além dessas dificuldades, também são descritos problemas alimentares (13%), medo/pânico (10,56%), ideia de morte (6,38%) e pensamento suicida (4,13%).

O estudo também contemplou aos fatores dificultadores da adaptação ao ensino superior e foram descritos tanto aspectos pessoais quanto alguns específicos da vida acadêmica. Fatores pessoais como relacionamentos interpessoais (56,5%), saída de casa (56,5%), falta de rede de apoio (52,2%) e situação financeira (43,5%) foram identificados com maior frequência nos artigos analisados. Com relação a aspectos específicos da vida acadêmica, se destacaram o nível de exigência (73,9%) e as características do Ensino Superior (39,1%). Esses dificultadores parecem exigir uma capacidade de resolução de problemas por parte dos universitários, visto que esse novo contexto, tanto o ingresso na universidade quanto a possível saída de casa apresentam situações novas para os estudantes que geralmente trazem problemas com os quais eles precisam aprender a lidar e a resolver sozinhos. Talvez, a inclusão de práticas semelhantes ao Jongo, no meio universitário, pudesse ampliar as estratégias para lidar com essas demandas e facilitar o acolhimento dos estudantes. Na próxima sessão elencaremos as relações étnico raciais, ensino de história cultura afro-brasileira africana.

#### **1.4 Relações Étnico Raciais, Ensino de História Cultura Afro-Brasileira e Africana**

No Brasil a Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira. As escolas deverão abordar o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Outro avanço foi a instituição no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, promovendo dessa forma possibilidades dos docentes e discentes promoverem reflexões e homenagens referenciando lutas, conquistas e contribuições da cultura negra brasileira. Como também instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores terão em

seus currículos as disciplinas “educação das relações étnico-raciais” e o “ensino de história e cultura afro-brasileira e africana” ambas têm por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas.

Assim sendo os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino. A seguir serão apresentados o método, resultados, discussões e considerações finais.

## 2. Método

Este estudo teve como referência o Grupo de Jongo Mistura da Raça em que os autores realizaram visita ao ponto de Cultura no dia 24 de junho de 2022 para pesquisas documentais e observações. Foi realizada, também, consulta entre os dias 30 de junho de 2022 e 02 de julho de 2022 às bases de pesquisa *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)* e o portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Nesse levantamento de Literatura buscou-se identificar se a partir da dança coletiva, especificamente o Jongo, a luz da teoria da Psicanálise e dos benefícios da expressão corporal e canto, num espaço de falas, trajetórias culturais e vivências do cotidiano se poderia proporcionar, no contexto acadêmico, a transmissão da cultura e trocas entre saberes do conhecimento imaterial.

O método escolhido envolveu a observação direta de um grupo de Jongo e a busca por alguns estudos na área, sem a pretensão de esgotar as fontes de informações, pois não foram aplicadas estratégias de busca sofisticadas e exaustivas no levantamento de estudos e sim um levantamento de pesquisas para auxiliar na interpretação dos objetivos desse estudo e a conclusão da disciplina PSC6064-1 Saúde Mental e Racismo: Práticas Interventivas no Âmbito da Psicologia e da Psicanálise.

### 3. Resultados

As palavras-chaves utilizadas na pesquisa foram quatro: jongo; saúde mental; expressão cultural e dança. Com os palavras-chaves “jongo, saúde mental e expressão cultural e dança” não foi encontrado nenhum artigo. Utilizando somente a palavra “jongo”, encontramos 7 publicações.

O estudo de Cunha (2021), que descreve o grupo Jongo de Pinheiral, na antiga Fazenda Pinheiros, no Vale do Paraíba (RJ), revela que seus integrantes mantêm uma relação afetiva entre si e têm um histórico de lutas sociais marcado por gestualidades ligadas à dança, relação que, por inferência, pode contribuir para a preservação da saúde mental de seus integrantes.

No artigo de Herschmann e Sanmartin (2021) foi realizado levantamento bibliográfico, observações de campo e análises de matérias jornalísticas veiculadas na cena midiática, para construir uma cartografia das controvérsias e reflexões sobre os processos de glamourização e coibição (e até de criminalização) associados às manifestações da música negra, tais como o samba, *funk*, jongo e *hip hop*, as quais vêm ocupando tradicionalmente os espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro na forma de pequenos eventos em que atores de diferentes segmentos sociais vêm conseguindo promover historicamente um conjunto de práticas culturais que geram não só *resiliência*, mas também *polinização*, as quais têm permitido construir territorialidades que vêm ressignificando o imaginário e, de modo geral, o cotidiano dessa urbe.

Costa e Fonseca (2019) realizaram uma pesquisa etnográfica sobre saberes e práticas populares em educação em saúde realizada de 2015 a 2017, no Quilombo Machadinha, e propuseram-se a pensar o processo educativo do jongo pela perspectiva da filosofia africana e do conceito de identidade cultural. A primeira parte do estudo apresentou o jongo como prática afroancestral, característica dos quilombos do sudeste fluminense. A segunda apontou para os elementos filosóficos afrocentrados dessa dança. A terceira e quarta partes expressaram os elementos que compõem o ensino do jongo: linguagem oral, o saber da experiência e a identidade cultural.

Monteiro e Reis (2019) propuseram reflexões sobre infâncias quilombolas, no plural, ou seja, a concepção de quilombo para discutir valores que fundamentam relações de cuidado e de educação da infância e afirmam a identidade negra. Infâncias quilombolas do estado do Rio de Janeiro, campo de atuação e de pesquisa das autoras, e transformações ocorridas na inserção das crianças no jongo como afirmação da identidade quilombola são apresentadas como contribuição às reflexões. Os autores tiveram marcos legais no campo da educação e desafios colocados à implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, e discutindo a educação quilombola como dever e direito de memória e de afirmação da identidade negra.

Schiffler (2017) teve por objetivo discutir a atualidade e a episteme dos estudos *bakhtinianos* acerca da cultura popular, a partir de teorias da performance e dos estudos culturais. O foco se constituiu nas produções culturais de comunidades quilombolas do Estado do Espírito Santo, Brasil, como o Ticumbi, o Jongo e os Reis de Bois. Para efeito de análise analisaram versos da performance do Ticumbi de São Benedito. Os estudos de Schiffer sobre a cultura popular e *Bakhtin* lançou um olhar para o potencial transformador e ambivalente de festas populares, cortejos e performances, com destaque para o conceito de carnavalização em que remete a luta de antigos reinados africanos subjulgados pelo peso da Diáspora Atlântica.

Maroun (2016) analisou diálogos e currículos, entre o jongo prática cultural afro-brasileira e a Educação Escolar Quilombola nova modalidade de ensino institucionalizada no Brasil, a partir de um estudo de caso em uma comunidade quilombola em Santa Rita do Bracuí, localizada na região sul do estado do Rio de Janeiro, no município de Angra dos Reis. Foi realizado um trabalho de campo de cunho etnográfico ao longo de dois anos, na perspectiva de uma descrição densa. Percebeu-se que as crianças e jovens quilombolas vêm construindo suas identidades étnicas por meio da inserção na prática do jongo, o que vem contribuindo e legitimando a demanda das lideranças políticas de Bracuí pela entrada dessa prática no currículo da escola local.

Dias (2014) estudou a semântica da palavra jongo que revela uma tradição popular afro-brasileira com música, dança e poesia. No entanto, o fato de o termo ser utilizado em comunidades não-jongueiras com outros significados denota uma abrangência semântica maior. A aproximação especulativa de diferentes aspectos da tradição jongueira com estruturas correlatas no *ondjango*, conselho comunal do povo *ovimbundo* de Angola, em que há fala coletiva dialogada, uso de formas orais simbólicas em consonância com princípios civilizatórios africanos refletindo se o jongo seria uma rearticulação diaspórica do *ondjango* angolano, ou de alguns de seus aspectos ressignificados e retrabalhados pelos banto-descendentes em resposta às condições restritivas da escravidão.

Na base de pesquisa “Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC)” os palavras-chaves utilizados na pesquisa foram os mesmos utilizados na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e não se encontrou nenhum estudo publicado, porém quando se optou pelo *Google* acadêmico, utilizando somente o descritor “jongo”, encontrou-se 03 estudos.

O primeiro estudo encontrado foi de Peres (2005), que relatou a sua convivência e reciprocidade estabelecida durante os dois anos de pesquisa realizada na comunidade jongueira do Tamandaré em Guaratinguetá, interior do Estado de São Paulo, por meio de acompanhamento processual, de pesquisa antropológica e de cunho etnográfico, observou-se a participação dos jovens existentes no grupo de jongo da comunidade, bem como os diferentes modos e estilos de transmissão dos saberes desta, compreendendo como se realiza a iniciação das gerações mais novas pelas gerações mais velhas ao universo daquela cultura. Foi analisado a relação de transmissão e aprendizagem do jongo, em uma comunidade que há diversas gerações, cultivam uma ancestralidade e uma concepção educacional extraescolar que comunga do aprender-com-o-outro, fazendo, criando e recriando, herdeiros de uma tradição que inicia os seus jovens pela força da palavra, da oralidade e da memória, levando-os a sentir, na própria pele e na própria carne, por meio de todos os seus sentidos, a forte carga existencial que espelha e forja as suas próprias essências (MERLEAU-

PONTY, 1994), tornando-se influências fundamentais na trajetória desses jovens, na constituição dos seus processos identitários.

O segundo estudo foi de Monteiro e Sacramento (2010) que contextualizou o processo que levou ao inventário, registro como Patrimônio Cultural do Brasil e salvaguarda do Jongo/Caxambu, a partir do movimento de organização das comunidades jogueiras conhecidas como “Encontro de Jogueiros”. O Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu desenvolve diversas ações com as comunidades jogueiras, que contribuiu com reflexões sobre o significado do registro, do patrimônio e da salvaguarda para elas. O autor também problematiza a contradição inerente ao conceito de salvaguarda de um patrimônio cultural de matriz africana que, ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza o patrimônio, precisa garantir direitos que foram historicamente subtraídos dos detentores dos saberes e das práticas do patrimônio reconhecido.

Por fim, no estudo de Silva (2010) realizou uma pesquisa sobre representações existentes em diferentes relatos sobre o Jongo e relação destas com uma série de experiências de iniciação de um pesquisador negro. Apresentou-se o Jongo enquanto arte, projeto social, patrimônio cultural, e como ferramenta de valorização da identidade negra. O estudo refletiu sobre os conflitos de interesse e o choque entre as diferentes até excludentes das representações e leituras do Jongo, não encontram resposta adequada no reconhecimento legal como patrimônio nacional nas condições atuais. Os mecanismos de registro oficial das manifestações da cultura popular e o seu procedimento legal estão comprometidos com um discurso antropológico que qualifica ao seu modo, de forma parcial e interessada, essas formas de saber, seu meio de origem e os atores envolvidos, bem como a imposição de um valor nacional a uma expressão cultural local identificada com famílias negras de uma comunidade específica determinando uma contradição nesta tradução que retira dos mantenedores a autoridade sobre os parâmetros de preservação de sua cultura e identidade. Também se mostrou a necessidade de políticas públicas voltadas para a população negra em que o país da elite branca ganhou com o reconhecimento do Jongo como patrimônio cultural, porém em contrapartida não foi estabelecido benefícios para os jogueiros ou para a população negra.

**Tabela 1. Descrição dos estudos encontrados sobre Jongo**

Base	Autor	Ano	Revista	Palavras-chaves
(SciELO)	Cunha	2021	Religião & Sociedade [online].	Gestos; posturas; dançando com os espíritos.
(SciELO)	Herschmann e Sanmartin.	2021	Galáxia (São Paulo) [online].	comunicação; cultura; cidade; música; política.
(SciELO)	Costa e Fonseca	2019	<a href="#">Educação &amp; Sociedade</a>	Prática educativa; Jongo; Comunidade quilombola
(SciELO)	Monteiro e Reis	2019	<a href="#">Educação &amp; Realidade</a>	Infâncias; Quilombo; Educação; Jongo; Legislação Educacional
(SciELO)	Schiffler	2017	<a href="#">Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso</a>	Cultura popular; Bakhtin; Performance; Carnavalização; Comunidades quilombolas
(SciELO)	Maroun	2016	<a href="#">Cadernos de Pesquisa</a>	Ensino; Currículos; Quilombos; Cultura Afro-Brasileira
(SciELO)	Dias	2014	<a href="#">Revista do Instituto de Estudos Brasileiros</a>	Jongo; ondjango; tradição oral afro-brasileira
Google Acadêmico	Perez	2005	Imaginário [online].	Juventude; Música; Dança; Cultura popular; Identidades juvenis; Arte-educação; Antropologia do imaginário; Educação e cultura; Jongo, Ancestralidade; Afrodescendentes; Afro-brasileiro; Cultura bantu.
Google Acadêmico	Monteiro e Sacramento	2010	Políticas culturais: teorias e práxis.	Jongo/Caxambu, Patrimônio Cultural Imaterial, Salvaguarda, Política Cultural, Organização Comunitária.
Google Acadêmico	Silva	2010	Repositório da Universidade de Brasília (UNB)	Pesquisadores negros <a href="#">Identidade social</a> <a href="#">Etnologia</a> <a href="#">Patrimônio cultural</a>

Fonte: Pesquisas dos autores (2022)

#### 4. Discussões

O objetivo da presente pesquisa foi realizar estudo de campo e levantar alguns artigos para identificar se a partir da dança coletiva, especificamente o Jongo, à luz da teoria da Psicanálise, por inferência, e dos benefícios da expressão corporal e canto, num espaço de falas, trajetórias culturais e vivências do cotidiano se poderia proporcionar, no contexto acadêmico, a transmissão da cultura e trocas entre saberes do conhecimento imaterial com repercussões na catarse psicanalítica como benefício para a manutenção da saúde mental dos participantes. A presente pesquisa nas bases de dados aqui mencionadas e no estudo de campo permitem inferir que há ineditismo no recorte que busca relacionar os ganhos dessa manifestação cultural com saúde mental e ensino superior. Trata-se, portanto, de grande oportunidade de estudos futuros nessa área do conhecimento, dado o potencial que essa prática cultural traz em seus desdobramentos pessoal e coletivo.

#### 5. Considerações finais

Em nossa pesquisa de campo pudemos constatar a importância da permissão da participação de crianças na prática jogueira como forma de manter viva a transmissão entre as gerações. Criatividade, improviso, catarse, ressignificação, entrega e ancestralidade são elementos que se destacaram nessa incursão que fizemos junto a cultura jogueira atualmente praticada no vale do paraíba. Embora não tenhamos encontrado trabalhos que aglutinassem o Jongo, a saúde mental, a Psicanálise e o ensino universitário, em nossa breve pesquisa bibliográfica nas fontes utilizadas, aqui propomos esse recorte integrador, pois acreditamos que a prática jogueira pode consistir numa estratégia coletiva utilizada para melhoria da saúde mental, a partir da catarse. Em particular destacamos o ponto do improviso, onde o mestre jogueiro utiliza sua capacidade de observação e empatia para dar voz aos conteúdos individuais e tratá-los de forma coletiva.

Outra proposta que acreditamos ser válida é a inserção do Jongo nos espaços do ensino superior e a propagação dos seus ensinamentos como forma da promoção de saúde mental aos estudantes universitários, a partir de uma leitura psicanalítica com foco no potencial catártico proporcionado pela prática.

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelecem a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, assegurando o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros. Porém, há um vácuo na Lei e Diretrizes em que o ensino superior não é contemplado, havendo a necessidade da propagação dessa cultura e saberes em que a dança coletiva poderá promover reflexão sobre os benefícios da expressão corporal e canto, num espaço de falas, trajetórias culturais e vivências do cotidiano que poderá proporcionar a transmissão cultural num espaço de trocas entre saberes do conhecimento imaterial, contemplando, por inferência, a saúde mental. Importante possuímos órgãos como a ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es), que desde 2010 promove discussões em universidades brasileiras com o objetivo de incentivar e garantir que os temas das relações raciais estejam presentes na agenda da Psicologia brasileira, como uma das formas do enfrentamento das várias faces do racismo. Tendo como meta a inserção no currículo da graduação e da pós-graduação disciplinas nessa temática que abordem o racismo na sociedade e na universidade, as formas de sofrimento e de resistência a essas práticas e discursos tendo como pano de fundo suas contribuições para a manutenção da saúde mental.

#### Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei Federal nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

COSTA, Rute Ramos da Silva e FONSECA, Alexandre Brasil: O processo educativo do jongo no quilombo machadinho: oralidade, saber da experiência e identidade. Educação & Sociedade [online], v. 40, 2019.

[Acessado 30 Junho 2022]. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019182040>>.

CUNHA, João Alipio. Gestos e posturas: dançando com os espíritos. *Religião e Sociedade* [online]., v. 41, n. 03, 2021, [Acessado 30 Junho 2022], pp. 145-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n3cap06>>.

DIAS, Paulo: O lugar da fala conversas entre o jongo brasileiro e o ondjango angolano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* [online]. 2014, n. 59 [Acessado 30 Junho 2022] , pp. 329-368. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i59p329-368>>.

FREUD, S. (1919a[1918]). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. *AE*: 17, p. 155ss; *SB*: 17, p. 201ss (Título em alemão: “Wege der psychoanalytischen Therapie”, *SA*: *Ergänzungsband* [volume complementar], p. 239).

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. A cura pela fala. *Estudos de Psicanálise*, (36), 165-171, 2011.

HERSCHMANN, Micael e FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Resiliência e polinização da música negra que vem ocupando os espaços urbanos do Rio de Janeiro. *Galáxia*, n. 46, 2021. [Acessado 30 Junho 2022] , e48336. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-2553202148336>>.

IPHAN, Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, in [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo\\_patrimonio\\_imaterial\\_brasileiro.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf). Acesso em 30 de junho de 2022.

IPHAN, Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, in [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos\\_jongo\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf). Acesso em 30 de junho de 2022.

MAROUN, Kalyla: Jongo e Educação Escolar Quilombola: diálogos no campo do currículo. *Cadernos de Pesquisa*. v. 46, n. 160, 2016. [Acessado 30 Junho 2022] , pp. 484-502. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053143357>>.

MONTEIRO, Elaine e REIS, Maria Clareth Gonçalves: Patrimônio Afro-Brasileiro no Contexto da Educação Escolar Quilombola. *Educação & Realidade*. v. 44, n. 2, 2019. [Acessado 30 Junho 2022] , e88369. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623688369>>.

MONTEIRO, E., SACRAMENTO, M. Pontão de Cultura de bem registrado e salvaguarda de Patrimônio Imaterial: a experiência do Jongo no Sudeste. *Políticas culturais: teorias e práxis*. 2010.

MORIN, Edgar. Consciência Mundial: por um conceito de desenvolvimento para o século XXI. Evento Edgar Morin no Sesc Consolação, São Paulo, 3 jul. 2012. Disponível em <<http://www.edgarmorin.org.br/imgul/25072012155556598329138.pdf>>. Acesso em: 17 de julho de 2022.

Parecer Homologado. Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 19/5/2004. Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004. Acesso em 15 de junho de 2022. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

PEREZ, Carolina dos Santos Bezerra. Juventude, música e ancestralidade na comunidade jongueira do Tamandaré - Guaratinguetá/SP. *Imaginário*, 11(11), 247-276, 2005. Recuperado em 30 de junho de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-666X2005000200012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200012&lng=pt&tlng=pt).

SAHÃO, Fernanda Torres; KIENEN, Nádia. Adaptação E Saúde Mental Do Estudante Universitário: Revisão Sistemática Da Literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 2021.

SILVA, Adailton da. Relatos sobre o Jongo: reflexões e episódios de um pesquisador negro. 2006. 180 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5570>. Acesso em 30 de junho de 2022.

SCHIFFLER, Michele Freire: Sobre Bakhtin, quilombos e a cultura popular. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*. v. 12, n. 3, 2017. [Acessado 30 Junho 2022], pp. 76-95. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2176-457332347>>.

**Recebido em 04 de julho de 2023**

**Aprovado em 18 de dezembro de 2023**

REALIZAÇÃO



**UFRJ**

PPGDAN  
UFRJ

*Anda*  
associação nacional de  
pesquisadores em dança